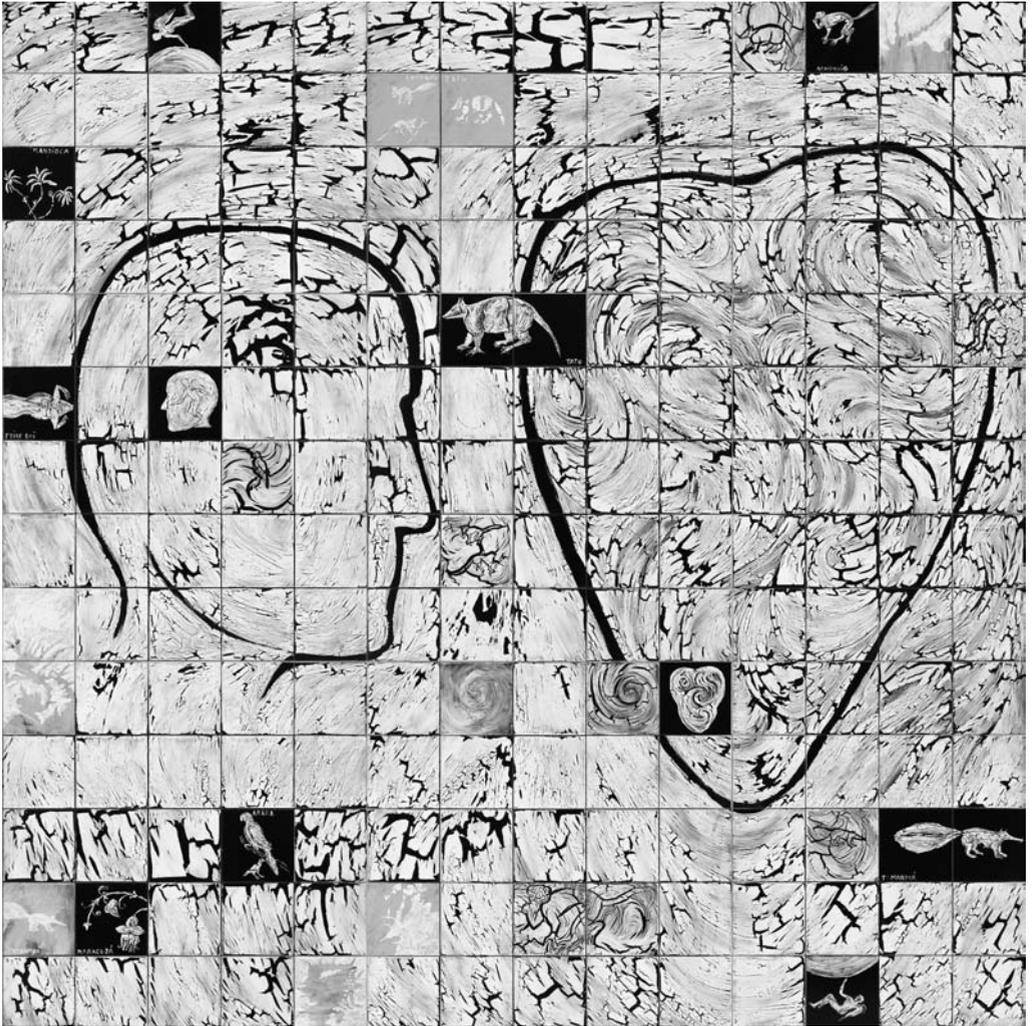


CULTURA

PROBLEMA E SOLUÇÃO



Todo o processo de modelação da cultura se relaciona com tudo quanto exprime a esperança e as inquietações humanas²¹⁹. Como uma teia ou matriz, a diversidade das incidências culturais está presente em todos os domínios da existência humana, não sendo válido considerá-la como mais um sector na organização da sociedade. É uma presença transversal e permanente: a economia e a ciência política, por exemplo, são segmentos da cultura²²⁰, e não vice-versa.

No início deste século, tornou-se clara a necessidade de um conseqüente questionamento dos fenómenos dominantes e a necessidade de um distanciamento crítico. Não pertencendo a qualquer cultura em particular, este distanciamento é produto da razão, universal e acessível a qualquer ser humano. Ela permite o reconhecimento de que as convicções mais fundamentais de qualquer cultura podem ser falíveis – convicções filosóficas, éticas, estéticas, religiosas etc., e revela a existência de muitos entendimentos diferentes, frequentemente contraditórios, mas passíveis de conjugações²²¹. Neste processo sociocultural, o indivíduo afirma-se pela sua capacidade de reconhecimento e de relação e pela sua capacidade de projeto.

Distanciamento
crítico

OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS

O *sonho americano* retrata o homem como produtor e produto de uma cultura. É a inevitável sedução do imaginário planetário por ícones que a mais complexa e dinâmica

sociedade ocidental ofereceu ao mundo, através de rostos míticos de Hollywood, como o de John Wayne ou de Marilyn Monroe²²². Pois como dizia Kafka, a “ficção liberta-nos do cansaço”²²³.

O ‘sonho americano’ foi uma invenção do cinema, que está a ser sonhado pelo mundo inteiro²²⁴. Nenhum campo da cultura revela tanto poder como o da imagem. Arquitetura, oratória, música, dança, pintura, escultura, teatro, literatura, revistas, jornais, etc., nada se aproxima da autoridade conquistada pelo cinema. Como um enorme ator anônimo, “a cultura americana” ocupa e rege a cena do mundo, através da cultura que impõe, fabrica e exporta²²⁵. Isto, porque os americanos perceberam, muito cedo, o que mais toca e faz sonhar as pessoas, e fizeram uso desse conhecimento de uma forma eficaz e extrema.²²⁶

Ficções

Os mitos modernos fazem mover os indivíduos. É na ficção, nas histórias, nos seus enredos e nos seus heróis, que recai sempre a procura de uma compensação da realidade das nossas vidas. Porque “aquilo que nós somos, o que vivemos e o que sonhamos, na religião, na política, no amor, é aquilo em que acreditamos. E aquilo em que acreditamos é a mitologia criada pelas ficções do nosso tempo”.²²⁷

Efetivamente, o homem vive permanentemente amarrado a teias que ele mesmo teceu; essas teias e a sua análise podem assumir-se como cultura²²⁸. Falar sobre cultura na sua totalidade multidimensional é uma tarefa complexa, repleta de variáveis interligadas, convergentes e complementares, mas sempre relativa a uma unidade coerente. Assim, na certeza de que nada forma e capta a nossa imaginação contemporânea tão intensamente, tão especificamente e permanentemente como o cinema²²⁹ utiliza-se aqui o filme *The Gods Must Be Crazy* (1980) do sul-africano Jamie Uys, como ponto de partida para o entendimento de que o ser humano é totalmente cultural e que todos os seus atos são totalmente culturalizados na circunstância efémera das atividades humanas e

do mundo – nascer, comer, falar, pensar, conhecer, ler, trabalhar, cantar, dançar, morrer,...

The Gods Must be Crazy é um filme dos anos oitenta que exhibe, com simplicidade e sentido de humor, a diferença entre modos de vida, sistemas de valores, tradições e crenças. Revela que os analfabetos não são pessoas sem cultura, que não é só o erudito que faz cultura, todo o homem a faz. Cada cultura tem as suas verdades, conhecimentos, sabedoria, ilusões e equívocos. Esta conhecida comédia resume, através da história de um equívoco, a relatividade da experiência, da cultura e dos seus significados.

Em *The Gods Must Be Crazy*, uma velha garrafa de Coca Cola, objeto completamente banal no mundo ocidentalizado, ao cair numa região com outros parâmetros de compreensão da realidade, assume um valor completamente diferente. A garrafa, lançada inadvertidamente pelo piloto de uma avioneta, cai no deserto de Botswana, em África e é encontrada por um grupo nativo de bosquímanos. O objeto, desconhecido dos nativos, é recebido como um “presente dos deuses”. Em pouco tempo, a garrafa gera uma série de conflitos, fazendo com que um elemento da tribo fosse encarregado de devolvê-la.

O filme narra a epopeia da longa e atribulada viagem do bosquímano, repleta de encontros com novas e inesperadas situações, que ele procura entender de acordo com o seu universo de referências. Assim, fica muito surpreendido quando encontra seres de pele muito clara, acha mesmo assustadora e sem interesse, uma jovem mulher loira e despida, confunde-se com o funcionamento e a condução de um velho *jeep*, diverte-se imenso no contacto com as tecnologias da civilização Ocidental, atribuindo-lhes poderes mágicos. A história ilustra, perfeitamente, como os sentidos atribuídos ao mundo que nos rodeia podem variar no tempo e no espaço e, também, a estreita relação do nosso comportamento com os elementos discerníveis e funcionais da cultura quotidiana.

**Relatividade
da cultura e
quotidiano**

***The Gods Must
Be Crazy***

**Universo
de referências**

Pensar sobre o cotidiano, sobre a nossa sociedade, sobre o chamado progresso, sobre as histórias que nos cercam, é pensar na cultura, na dimensão estruturante e transformadora que ela contém e pensar na ação como um processo cultural. Nesta lógica, explora-se a noção de cultura, de forma a perspectivar-se o seu papel e a sua dimensão na interação humana e, em particular, no nosso cotidiano. É na pluralidade da experiência que se percebe a prerrogativa da cultura de criação e de movimento que dá sentido e continuidade à existência.

A referência ao filme *Os Deuses Devem Estar Loucos* apresenta a cultura como um conceito operatório de modelo de construção da sociedade. Permite entender os significados e o universo simbólico da cultura.

SIGNIFICADOS DE CULTURA

A cultura surge da dinâmica das relações. No filme *The Gods Must be Crazy* facilmente se percebe que a cultura integra um conjunto de narrativas que dão unidade a um grupo, agregando uma série de sistemas simbólicos que o organizam. Ela articula, integra e totaliza, atinge uma espécie de equilíbrio entre segmentos, revelando singularidade e dinamismo.

Evolução do termo cultura

Recuando até ao Paleolítico, as gravuras rupestres transmitem, de um modo visível, que desde o primeiro momento, o homem é o inventor da cultura, da linguagem, da imagem e da arte²³⁰. Permitem perceber a indissociabilidade entre a história e a arte e, também, que “todo o meio envolvente que o homem faz seu, tem, desde tempos imemoriais, a sua marca”²³¹. Marca, simultaneamente técnica, plástica e simbólica, que molda a dialética constante entre o artificial e o natural ou entre arte e natureza que compõe, de modo essencial, a cultura.²³²

As interrogações sobre a origem do homem e da cultura não são apenas uma ignorância que é preciso ultrapassar ou uma curiosidade a satisfazer. Constituem-se como uma questão com um alcance teórico múltiplo, que remete para a ligação epistemológica entre natureza/cultura, animal/homem.

O desenvolvimento da cultura possibilitou ao homem a sua adaptação a diferentes ambientes e, também, a adaptação deles a si próprio. Todas as respostas à origem do homem e à sua necessidade de aprendizagem, revelaram o seu afastamento do animal devido ao seu legado cultural, revelaram a sua particular relação com a natureza e uma crescente dependência dos outros homens.

Em todas as suas aceções originais, cultura era um substantivo processual: significava a tendência de algo para o crescimento. Cultura deriva de “*colere*” cultivar, habitar, tomar conta, cuidar e preservar, e inicialmente, associa-se à relação entre o Homem e a Natureza no sentido de a cultivar e cuidar com o objetivo de a tornar apta a ser habitada. Revelando uma atitude de zelo, e não uma subjugação da Natureza ao domínio do Homem²³³.

**Crescimento e
atitude de zelo**

A partir do século XVIII, “cultivar” ou “cultivar-se” é entendido como uma metáfora educativa, relacionada com o desenvolvimento da inteligência, dos conhecimentos e das vivências estéticas. O Iluminismo acabou por impor a identificação desta noção de cultura com a de “civilização”, compreendida como um grau de “autodesenvolvimento histórico da humanidade”, pressupondo indiretamente a superioridade da Europa culta sobre o resto do mundo, assim como a superioridade das “classes letradas” sobre o resto da sociedade²³⁴.

**Metáfora
educativa**

Seguiu-se o abandono generalizado das teorias da civilização, caracterizadas pelas ideias quer da evolução de uma história em fases e etapas, quer da universalidade das formas sociais, quer de uma razão abstrata e geral. No início, este discurso, estava ligado ao romantismo, com a insistência nas lendas e

**Abandono
das teorias de
civilização**

mitos, no privilégio das línguas históricas e na singularidade das tradições nacionais.

Teorias da cultura

Mas já no século XX, a ideia de cultura generalizou-se. A categoria de cultura como sucessora crítica da noção de civilização resultou, em grande medida, da secularização, na época moderna, da religião como princípio explicativo universal e fonte de autoridade moral. Essa secularização permitiu que a religião se tornasse objeto de inquirição cognitiva, e a própria cultura num facto humano essencial. “A cultura passa a oferecer-se na qualidade de resposta à questão antropológica que a modernidade filosófica estabelece como fundadora de toda a empresa racional. Torna-se assim possível a emergência de teorias da cultura, em cujo seio a religião é objetivada como dado cultural”²³⁵.

Intencionalidade humana e práticas de cultura

É através da razão humana que o homem passa da mera utilização do mundo para o seu conhecimento e para a sua transformação. A procura de eficácia instrumental leva-o a práticas culturais distintas, entre elas a arte, porque, para além da percepção, o homem pode, sobretudo, criar. Tanto na ordem do material como na do imaterial, ele pode agir não apenas em função de uma lógica de sobrevivência imediata mas também em função de um projeto futuro que construiu de maneira simbólica. Tanto no domínio da cultura imaterial ou intangível (linguagem, normas, valores), como no domínio da cultura material (técnicas, ferramentas e objetos produzidos), a intencionalidade humana orienta-se pela necessidade e pelo desejo ²³⁶.

Na perspetiva de cultura antropológica (natureza e cultura), e na perspetiva de cultura sociológica (civilização e cultura), muitos dos estudos e das opiniões relativas à cultura (e às culturas da modernidade) centram-se em duas conceções – uma centrada na dominação e outra na experiência.

Dominação

Na primeira, refere-se o campo cultural num âmbito de interação social no qual se estruturam e confrontam posições,

produzidas pela distribuição desigual de certos bens (como o capital cultural) que conferem poder a quem os possui – imposição de representações, perspectivas, capacidade de tornar visíveis ou invisíveis determinados grupos sociais, modos de vida ou visões do mundo alternativas.

Na segunda, a cultura é considerada como um meio de organizar e transmitir a experiência de dar forma aos modos de viver e de se expressar – construção de significações onde se objetivam as formas de se conhecer, sentir, agrupar e realizar trocas próprias dos seres humanos, “não só o espaço em que, de facto, se expressam as suas recordações, vivências, expectativas e desejos, mas também o horizonte da sua experiência possível, de tudo aquilo que podem chegar a experimentar no interior de uma determinada forma de vida coletiva”²³⁷.

Na definição de cultura como um “conjunto de informações não genéticas”, ela consiste na “memória” da humanidade ou de uma coletividade particular²³⁸ ou num “sistema adaptativo”, onde linhas gerais de conduta relacionam as comunidades humanas com o seu ambiente ecológico, com expressão nos recursos tecnológicos, nos modos de organização económica e social, nas formas de ocupação do território ou as crenças da sociedade²³⁹.

Na aceção étnica da palavra cultura, são consideradas as particularidades de costumes e tradições e da língua específica de cada grupo. Traduz a diferença em relação a outros grupos e, no fundo, uma identidade e ideia de pertença em relação aos membros do próprio grupo.

No âmbito público moderno evidenciam-se outras diferenças culturais, tais como classe social, género, orientação sexual ou idade, crenças, hábitos e rotinas de determinados grupos profissionais e corporativos, ou até mesmo relacionados com certas práticas de consumo. Esta perceção manifesta-se em expressões cada vez mais comuns, “cultura televisiva”, “cultura organizacional”, “cultura de empresa”, “cultura corporativa”, “cultura do medo”, “cultura da pobreza”, “cultura das

Experiência

Memória ou sistema adaptativo

Aceção étnica

Outras diferenças culturais

armas”, “cultura de consumo”, “cultura dos adolescentes”, ou mesmo “cultura do futebol”.

Cultura

Neste quadro de significados, assume particular importância a visão que a UNESCO promove de cultura, ao incorporar, claramente, os domínios da sociologia e da antropologia. Esta instituição internacional deu expressão às noções de diversidade e identidade cultural, numa fase inicial, focada nos povos e nações. Mas evoluiu entretanto no sentido da diversidade correspondente aos diversos grupos étnicos, de género e religiosos, e no respeito dos direitos humanos. Na MONDIACULT – Conferência Mundial sobre as Políticas Culturais realizada no México, em 1982, definiu que no “seu sentido mais amplo, a cultura pode, hoje, ser considerada como o conjunto de traços distintivos, espirituais e materiais, intelectuais e afetivos que caracterizam uma sociedade ou grupo social. Ela engloba, além das artes e das letras, os modos de vida, os direitos fundamentais do ser humano, os sistemas de valores, as tradições e as crenças”.²⁴⁰

O UNIVERSO SIMBÓLICO

A conceção *descritiva* de cultura, como uma totalidade complexa que abrange tanto o conhecimento, como as crenças, a arte, a moral, a lei, os costumes e quaisquer outras capacidades e hábitos adquiridos pelo homem enquanto membro da sociedade²⁴¹, evoluiu no sentido de uma conceção *simbólica*, que entende a cultura, sobretudo, como um padrão ou matriz de significação incorporada no conjunto das atividades, expressões e objetos de uma sociedade. Em virtude desses significados partilhados, “os indivíduos comunicam entre si, partilhando as suas experiências, conceções e crenças”²⁴².

Símbolo e signo

Presentemente, o símbolo ocupa o centro das teorias modernas da cultura; símbolos, conscientes ou não, encontram-se por

todo o lado, da arte à vida quotidiana. E o que é um símbolo? É um signo que remete para o objeto em virtude de uma associação de ideias. Significa alguma ideia ou ser que está ausente.

Explica-se o signo como um operador de representação; pois seja qual for a coisa, de qualquer espécie, que chegue à mente humana, é logo convertida em signo. Pode dizer-se que o signo é uma instituição que serve para categorizar o mundo, um instrumento de categorização do universo. Uma mensagem é uma sucessão em cadeia de signos que são transmitidos por um produtor (de signos), para um destinatário. Note-se que um objeto só constitui um signo, se se lhe atribuir uma função: um som pode tornar-se fonema, uma nota de música, uma sirene, etc. Para que tal aconteça, existem quatro elementos associados: o estímulo (a face concreta do signo), o significante (a imagem acústica), o significado (a imagem mental) e o referente (que pode ser um objeto, uma qualidade ou um processo).²⁴³

A interação humana, onde o indivíduo é um produto social e uma força ativa dentro de estruturas sociais, é caracterizada pela ordem simbólica. Não obstante, a receção das formas simbólicas implica sempre um processo contextualizado e criativo de interpretação. Nesse processo, os indivíduos servem-se de recursos de que dispõem, para dar sentido ao mundo que recebem²⁴⁴.

Todo o universo simbólico está subjacente ao conjunto de representações de uma sociedade ou de determinado grupo social. Assim, a cultura entendida como um sistema de signos passíveis de interpretação é um contexto dentro do qual os símbolos podem ser descritos de forma inteligível²⁴⁵.

As três dimensões dessa atividade simbólica – a linguagem, a razão e o conhecimento, “correspondem a outras tantas funções próprias dos símbolos: meios de comunicação, meios de exploração (com elevado nível de síntese) e meios de orientação, que se traduzem em outras tantas aptidões fundamentais do homem: falar, pensar e conhecer”²⁴⁶.

Ordem simbólica

Universo simbólico

Atividade simbólica: falar, pensar e conhecer

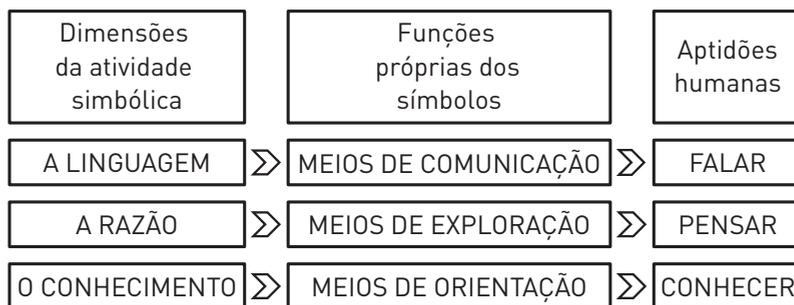


Fig. 8 – A relação entre as aptidões humanas e as dimensões da atividade simbólica.

A comunicação e a aquisição da linguagem traduzem um processo de emancipação, que reflete a libertação do homem de um conjunto de sinais essencialmente inatos. Nesta dinâmica, as representações coletivas sintetizam a forma como os indivíduos observam o mundo, a sua relação com ele e também o modo como se veem enquanto membros de uma comunidade.

A realidade

As representações coletivas relacionam-se diretamente com um investimento de sentido, “pelo qual se delimitam esferas próprias de realidade construídas a partir do fundo dos conhecimentos que se encontram sedimentados na consciência coletiva. O acesso a este conhecimento fundamental está disponível no quadro da vida quotidiana, ocorrendo o seu processamento, sobretudo através de mediações linguísticas e visuais, e da interação social comum. Com ele se define a “realidade”. (...) A realidade de senso comum de uma dada sociedade, a qual confere um sentido ao mundo e dá uma certa forma às relações sociais quotidianas”²⁴⁷.

Análise cultural

Na conceção estrutural da cultura, é enfatizado o carácter simbólico dos fenómenos culturais e o facto de tais fenómenos estarem sempre inseridos em contextos sociais estruturados. Nesta perspetiva, a análise cultural é o estudo das formas simbólicas – ou seja, ações, objetos e expressões significativas

de vários tipos – em relação a contextos e processos historicamente específicos e socialmente estruturados, dentro dos quais, e por meio dos quais, essas formas simbólicas são produzidas, transmitidas e recebidas²⁴⁸.

A ESFERA GLOBAL DA CULTURA

As transformações incontornáveis do mundo atual alteraram radicalmente o entendimento e a situação global da cultura e o significado coletivo dos fenômenos culturais. Numa esfera global, a cultura de consumo contemporânea pôs em causa as relações tradicionais de género e de classe social. Obrigou a uma redefinição do mapa de mobilidade social a uma escala globalizada e desafiou as categorias identitárias anteriormente existentes. Novos espaços sociais definiram-se em termos de estatuto, imagem corporal e riqueza²⁴⁹.

**Transformações
incontornáveis**

Para além da cultura e da religião, a ciência e a técnica são referências incontornáveis da existência humana, justificando-se a aplicação do prefixo “ciber-” à cultura contemporânea, por ela ser moldada pelas tecnologias da informação e da comunicação. No fundo, a cibercultura é a metamorfose mais recente de algo tão antigo quanto a própria humanidade: a cultura²⁵⁰.

Cibercultura

Qualquer tecnologia, da mais elementar à mais sofisticada, tem, necessariamente, repercussões sociais e culturais. As novas tecnologias e as práticas comunicacionais contemporâneas de organização e representação do tempo e do espaço (sentido da experiência do próximo e do distante), motivaram a grande transformação da experiência cultural recente, diretamente associada às estruturas de sentimento, vinculação e interação social.

A técnica está a determinar a aceleração crescente da cultura, ao mesmo tempo que implementa um intenso programa de

**Paradigma
globalista**

globalização. Crescentemente digital e virtual, a técnica contemporânea torna indissociáveis ao paradigma globalista, o multiculturalismo e a alteridade da cultura.²⁵¹

No entanto, historicamente, o processo de globalização já é antigo. São exemplos disso a longínqua globalização vivida pelo Ocidente, ocorrida no Império Romano, com a oficialização do latim e do uso do *denarium*, ou a mundialização geográfica motivada pelas descobertas dos caminhos marítimos para a Índia, China, Japão e Américas.

No século passado, o paradigma globalista foi potenciado com as tecnociências. Alcançou, com as tecnologias de ponta e com os sistemas de comunicação, grande impacto nas ciências e nas artes. Apelidada de Terceira Revolução Industrial, a tecnociência, com a microeletrônica e a navegação informática, alterou decisivamente a velocidade, o alcance e a capacidade dos indivíduos perceberem, armazenarem, receberem e transmitirem informações, influenciando decisivamente a política, a economia, o homem, o artista.

Globalização cultural/ identificação cultural

Associamos a globalização cultural, ao aparecimento de um conjunto de valores e crenças específicos que são, em grande medida, partilhados em todo o mundo²⁵². A tal fenómeno contrapõe-se a existência de conjuntos de valores e crenças específicos em que se reconhecem determinados grupos e comunidades. Trata-se de uma identificação cultural que resulta, em grande medida, da geografia e da história da organização humana.

Também se opõe o individualismo ao comunalismo. O individualismo entendido como um conjunto de valores e crenças que dão prioridade à satisfação das necessidades, desejos e projetos de cada indivíduo na orientação do seu comportamento, e o comunalismo, entendido como um conjunto de valores e crenças em que se situa o bem coletivo de uma comunidade acima da satisfação pessoal de cada um dos seus membros, sendo a comunidade, neste contexto, um sistema

social organizado em torno de um subconjunto de atributos culturais ou materiais comuns.

Estas duas grandes tendências bipolares (globalização cultural/identificação cultural, individualismo/comunalismo), criadoras de oposição e tensão, caracterizam a sociedade de rede global. A sua interação pressupõe quatro configurações culturais: “consumismo (representado por marcas), individualismo em rede, cosmopolitismo (quer seja ideológico, político ou religioso) e multiculturalismo.”²⁵³

Multiculturalismo

O discurso multiculturalista relaciona a coexistência de uma pluralidade de culturas (diferença cultural), em oposição ao transculturalismo, que realça uma mistura de diversas culturas na contemporaneidade (fusão cultural). De facto, a mudança no discurso público do multiculturalismo para o transculturalismo, assenta numa perspectiva económica liberal em que as práticas de consumo são uma face visível²⁵⁴.

Transculturalismo

A relação entre a identidade e o local, e a contradição entre a afirmação de identidade e o avanço da globalização, assinalam a divergência entre cultura local e a desterritorialização introduzida pelos fluxos globais. Fluxos de pessoas, turistas, migrantes e refugiados que se instalam noutros países. Fluxos de máquinas produzidas pelas multinacionais, pelas instalações industriais e também pelas agências governamentais. Fluxos rápidos de dinheiro nas agências financeiras e bolsas de valores. Fluxo de informação e narrativas em suportes diversos – jornais, filmes, etc. Fluxo de imagens e ideologias, imagens de democracia, de liberdade, bem estar, entre outros.

Fluxos globais

No caso da mobilidade transnacional, esta provoca nas pessoas que fazem parte deste grupo a partilha de aspetos culturais próprios, formando culturas ou subculturas específicas de um estilo de vida transnacional, as “culturas transnacionais” ou as “terceiras culturas”. A figura das chamadas “terceiras culturas” baseia-se em sistemas emergentes que

Diferença e fusão cultural

constituem verdadeiros canais de fluxos culturais diferentes. Projetando-se para lá das fronteiras nacionais, relaciona-se com o território transnacional de negociação e resolução de problemas e conflitos decorrentes do contacto intercultural²⁵⁵. Os seus protagonistas atuam no campo da retradução e acomodação dos sentidos e significados da cultura local e global²⁵⁶.

Terceira cultura

As crianças das “terceiras culturas”, surgem na junção da “primeira cultura”(a dos pais) e da “segunda cultura” (a do país para onde a família se muda) e a “terceira cultura” que será a da criança que cresceu entre dois mundos²⁵⁷. Hoje em dia, nas escolas, nas salas de aula, encontram-se crianças e jovens de todos os estratos sociais, geográficos e políticos, o que aponta para a inevitabilidade de se crescer no respeito pela diferença, na interação e conjugação cultural. Sem dúvida, a perspetiva intercultural ajudará a conhecer, a compreender e a lidar com esta complexidade.

A semente da nova condição humana está no modo de viver a cultura no plural, na diferença e na fusão cultural. Trata-se de uma questão da política moderna, onde a diferenciação e pluralidade das culturas tem na sua base, entre outras, a interpretação do contexto da constituição dos estados nacionais, dos processos de colonização e descolonização, de migrações e da evolução demográfica.

Interdependência à escala internacional

A explosão dos grandes antagonismos do nosso tempo, na esfera da cultura, surgiu da pressão da crescente interdependência à escala internacional. Interdependência ao nível político, económico, social, cultural e comunicacional, que se reflete em múltiplos fenómenos: desde as guerras da memória até à reivindicação das identidades, das fricções da laicidade até à multiforme irrupção do religioso, da defesa das línguas até aos conflitos de valores²⁵⁸. A complexidade do “transpolítico” e as múltiplas fraturas do social, são a marca e uma das faces visíveis da situação do mundo atual.

CAMPO CULTURAL

Quando se fala de cultura, está-se a falar de pessoas e na sua capacidade de criar através de abordagens particulares da realidade e também da acessibilidade e da prática cultural, de toda uma aprendizagem associada ligada à democracia. O campo cultural não é um campo fechado ou neutro, marginal aos problemas do quotidiano. Nele, a produção artística possui um carácter de aproximação.

Dentro de um sistema teórico, Pierre Bourdieu utilizou o campo cultural como desafio para se pensar a descontinuidade dos espaços de criação intelectual e artística numa sociedade diferenciada²⁵⁹. Mas, progressivamente, o conceito foi-se atualizando e, neste texto, á imagem de outros campos, considera-se um formato alargado de campo cultural associado a todos os esquemas de perceção de juízo e de ação que permitem atos de conhecimento prático e vinculem a produção, receção e participação cultural. Basicamente assume-se como um espaço social onde se dinamizam produções e receções simbólicas.

O seu estudo implica a descrição do conjunto das condições sociais que possibilitam a constituição do campo e os seus índices de autonomia, “como a emergência do conjunto das instituições específicas que condicionam o funcionamento da economia dos bens culturais”²⁶⁰. As artes cénicas, as indústrias culturais e o património cultural, são segmentos do âmbito disciplinar da economia dos bens culturais. Os três têm como característica comum o seu significado como criação artística, sinal de uma identidade coletiva²⁶¹.

As artes cénicas constituem um bem ou serviço que se esgota em si mesmo (o consumo e produção realizam-se num momento único, um bailado, uma peça de teatro, um concerto); as indústrias culturais consistem basicamente na mercantilização de objetos reprodutíveis (indústria do livro, do disco,

Campo cultural

Bens culturais

do cinema, etc.) e por último o património cultural que representa a criação (cultural) com caráter acumulado, ou seja, com uma perspectiva histórica e com um sentido de herança que o constituem objeto único.²⁶²

Mercado das artes e da cultura

A estruturação das relações do campo de produção cultural entre agentes e instituições, na busca de legitimidade artística, revela uma hierarquia de produtores e produtos e dois tipos de produção: uma produção específica e especializada e uma produção generalizada para públicos não especializados. Dentro desta esfera de atividade, ao valor baseado no princípio predominante da percepção artística, contrapõem-se critérios comerciais de lucro, gerando atitudes diferenciadas relativamente ao valor e ao desempenho económico.

A globalização do mercado das artes e da cultura, influenciado pelas novas tecnologias da comunicação, alterou os processos de informação e distribuição cultural. Contudo, a afirmação do mercado na economia da cultura, carece de uma descodificação da linguagem (do mercado) e de uma defesa da dimensão simbólica e economia simbólica, que estão subjacentes às práticas culturais ²⁶³.

Uma cartografia mundializada da cultura

Repare-se que desde o século XIX, a produção e distribuição de produtos culturais foi crescentemente monopolizada pela indústria cultural. Na atualidade, ela congrega um grande número de meios de informação, produtoras de cinema, rádio, TV, discos, videojogos e todo o tipo de produtos audiovisuais, bases de dados, sistemas telemáticos e digitais, etc. Com efeito, os modelos nacionais, sem desaparecerem, tiveram necessariamente de ceder perante as novas exigências de uma cartografia mundializada da cultura.²⁶⁴

A mundialização, a desagregação da sociedade, as novas tecnologias da comunicação, a alteração dos costumes, o consumo em massa, a afirmação do indivíduo, introduziram variáveis novas interligadas com efeitos controversos em todos os fenómenos atuais. Inevitavelmente, estes fenóme-

nos reformulam as opções, as normas, os comportamentos, as tradições, as instituições e as identidades nas sociedades modernas. Transformam também os indivíduos, as suas condições de vida, a capacidade e o modo de criação e de produção.

Assim, as práticas culturais, a disseminação das artes, os vários domínios de expressão do campo da produção cultural, incorporaram de forma distinta as noções de autoria e de público, assim como as potencialidades inscritas nas dinâmicas em que se enquadram. As diferentes manifestações artísticas e a relação que toda a produção cultural estabelece com os seus públicos, vão transmitindo ao longo das épocas categorias de percepção estética, significados e sentimentos diversos. Assumem, muitas vezes, na sua visão própria de ver o mundo e os acontecimentos, uma função provocadora, crítica e denunciadora que enfatiza a natureza conflituosa das relações sociais.

**Função
provocadora,
crítica e
denunciadora**

Transversalmente, a cultura integra a dinâmica das negociações políticas, dos conflitos sociais e das relações de poder na sociedade, onde as políticas culturais, como processos sociais institucionais de mediação e práticas de intervenção que agregam e dão sentido a um conjunto necessariamente composto de atos, discursos, despesas e práticas administrativas²⁶⁵, jogam duas dimensões fundamentais das relações sociais: a cultura e o poder^{266, 267}

**Políticas
culturais**

A política cultural produz a resposta de uma autoridade política a um determinado problema ou fenómeno do campo social da produção cultural ou artística, definindo medidas que afetam esse mesmo fenómeno²⁶⁸. Na unidade de ação do poder político, ela depende da convergência e da coerência entre as representações do papel do Estado na relação com a arte, a cultura e a organização da intervenção pública²⁶⁹. As suas linhas condicionam a economia dos bens culturais e as suas instituições, determinando a génese e a história do campo de produção cultural.

Neste sentido, a política cultural inclui uma visão e um reconhecimento do campo cultural, entendidos como sistemas de relações entre lugares, recursos e sujeitos, dotados de autonomia estrutural²⁷⁰, dos quais resultam, um conjunto de medidas estratégicas produzidas de modo sistemático e articulado²⁷¹.

**Cultura
nos diferentes
domínios
da sociedade**

Visto que as normas e os valores sociais estão vinculados tanto à cultura quanto ao poder, existe uma relação de equilíbrio ou de desequilíbrio entre ambos, reflexo da forma como cultura e poder se articulam na configuração do complexo social e político. As concepções modernas de Estado, sociedade e economia surgem crescentemente postas em causa. Embora seja perceptível um acentuar da valorização social “das coisas culturais”, às condições sociais de funcionamento da política pública não corresponde a uma política cultural, que de forma articulada e sistemática, acompanhe e estimule as mudanças emergentes na sociedade civil²⁷². Simultaneamente, a vertente cultural que se considera transversal e omnipresente em todos os domínios da sociedade, não se vê refletida nas políticas de outras áreas sociais e económicas (educação, saúde, justiça, segurança social, economia, comunicação social,...).

**Cultura, ponte
entre saber,
técnica e ação**

O estímulo à aprendizagem, à mudança e à inovação social que os atuais processos de convergência transnacional representam, podem contribuir para a constituição de uma política pública mais eficiente, que ultrapasse o *deficit* de cultura geral e cultura territorial dos indivíduos, e contribuir também para o entendimento da cultura não como um sector, mas como uma dimensão capaz de fazer a ponte entre todas as vertentes do saber, da técnica e da ação.

Mas sempre que a cultura se situa nos últimos patamares da hierarquia das prioridades políticas e é fortemente sacrificada nos tempos de austeridade orçamental, é difícil, senão impossível, o desenho de uma política cultural com visão e consequência²⁷³, que contribua para a melhoria da política em geral e da vida em comum. Isto advém de visões limitadas de cul-

tura, do facto de não se reconhecer a vocação ancestral da cultura a nível da sociedade.

Por princípio, as políticas culturais nacionais dirigem-se à formação base da população em geral, possibilitam o acesso à cultura de forma ativa e esclarecida, promovem um setor cultural e artístico qualificado e dinâmico. Com um sentido de unidade e coerência quanto aos objetivos finais, estas políticas culturais não podem ser alheias e desarticuladas das restantes políticas setoriais nacionais.

No investimento a nível da qualificação de políticas públicas, as políticas culturais têm concorrido no âmbito da qualificação nos seguintes níveis: formação e profissionalização; equipamentos culturais; territórios – para melhoria da qualidade de vida das populações e valorização dos lugares²⁷⁴.

Qualificação das políticas públicas

No espaço da qualificação pela cultura, assinala-se a relevância a nível de formação de uma articulação visível e efetiva entre política cultural, da política da educação e da política do ambiente. Dentro deste aspeto, carecem de maior expressão e resultados as três vias utilizadas na sensibilização para as artes: presença da dimensão cultural e artística na escolaridade obrigatória; desenvolvimento de serviços educativos para lá do contexto escolar; distribuição descentralizada da oferta cultural/artística. Neste enquadramento, o território assume-se como referencial das intervenções e base estratégica das dinamizações associadas à descentralização, diversificação, e volume da oferta cultural, porque a receção cultural está diretamente ligada à observância da heterogeneidade dos públicos da cultura e à matriz de oferta e procura cultural.

Num inquérito à população da Grã-Bretanha publicado em 2009, relacionado com as suas práticas e gostos culturais, os autores confirmaram a importância da classe social e do nível de escolaridade enquanto fatores que contribuem para o mapeamento do espaço dos estilos de vida, mas acrescentam que as práticas e os gostos culturais são influenciados por

outras variáveis que não a classe social ou nível de escolaridade, nomeadamente a idade e o género. A idade e o género (ou eventualmente o grupo étnico) assumem-se como os principais fatores de alguns campos culturais e produzem neles tipos de oposições distintas. A principal tensão observada entre as práticas e os gostos dos indivíduos pertencentes a diferentes classes sociais, não tem necessariamente a ver com a oposição entre a cultura popular e a cultura intelectual, mas sim com a participação ou não no mercado cultural.²⁷⁵

Independentemente do discurso atual incidir no aumento da produtividade, da inovação, da competitividade, da qualidade e criação de riqueza, não se pode ignorar que, por hábito e vocação, o Estado não é bom para gerar riqueza e que o mercado não serve para criar justiça. Precisamos do mercado para o que está à venda, e do Estado para o que não está²⁷⁶. É neste referencial que a cultura em geral e a produção artística tem que encontrar o seu lugar.

Incorporação de formas culturais

De facto, todas as pessoas têm um papel ativo na incorporação das formas culturais no seu quotidiano. Retiram delas o seu conteúdo, de forma a potenciar essas ferramentas enquanto mecanismos de auto relação, de construção de identidade e de um imaginário de alternativas. Neste processo, todo o indivíduo funciona como construtor de uma cultura reflexiva, identitária e relacional.

O PROJETO

Socialização efetiva do conhecimento

O presente corresponde a uma fase avançada de um processo evolutivo, onde a crescente desproporção entre a capacidade coletiva para criar saber e a capacidade individual para o assumir vitalmente permitiu o aparecimento de uma sociedade deficitária de conhecimento, de cultura e de pensamento. Neste contexto social, a tecnologia e a sua socialização

geraram inevitavelmente tensões e divisões nas estruturas etológicas e culturais da humanidade, não se produzindo uma necessária socialização efetiva do conhecimento.²⁷⁷

De facto, deu-se no mundo Ocidental a emergência de uma nova expressão da cultura, uma passividade perante o acontecimento, onde a apatia, a indiferença e a sedução prevalecem face à convicção. Estas novas atitudes do indivíduo traduzem uma perda de importância da esfera pública, das suas instituições coletivas (sociais e políticas), uma rendição face ao crescimento do individualismo, ao cansaço e à resignação. Esta realidade central do nosso tempo alterou drasticamente a natureza da vida social quotidiana e afetou os aspetos mais pessoais da experiência individual e coletiva, transformando a cultura: a cultura das indústrias culturais, do consumismo total, dos *media* e das redes digitais²⁷⁸.

Se a evolução do homem é um projeto inacabado em que o desenvolvimento da cultura o levou a sucessivas libertações, os dias de hoje requerem uma reinvenção e uma re-evolução. Para mais um fortalecimento dos indivíduos, para o fomento de novas condições de responsabilidade e de conhecimento. Para reencontrar referentes sólidos, políticos, culturais, ideológicos que reorganizem a análise e a reinterpretação do mundo. Para restaurar uma cultura de cidadania e uma vida cívica participativa (ser menos consumistas e mais cidadãos), onde os interesses individuais se enquadrem e contribuam para o interesse coletivo. Em suma, para contrariar a indiferença e a resignação instaladas, conscientes de que qualquer alternativa ao atual modelo de sociedade tem obrigatoriamente uma expressão coletiva.

Isto porque numa época em que os conceitos excessivamente valorativos foram tendencialmente desprezados e substituídos por conceitos expressivamente quantitativos, tornou-se manifesta a necessidade de um questionamento dos fenómenos dominantes e a necessidade de um distanciamento crítico.

**Resignação
e cultura da
indiferença**

**Reinvenção e
re-evolução:
uma expressão
coletiva**

**Questionamento
e distanciamento
crítico**

A pessoa civilizada

Com o distanciamento crítico, surge a pertinência e a oportunidade da retoma do conceito de civilização nas discussões deste início de século. Porque uma pessoa civilizada, independentemente da sua identidade singular, em termos científicos, políticos, de classe, religião ou género, é aquela que não julga as formas das demais culturas segundo os critérios da cultura à qual pertence, reconhece as suas diferenças, sem intolerâncias, afastando ressentimentos. Isto exige um grande esforço, porque inverte o processo pelo qual a razão foi instrumentalizada por uma cultura particular, e consegue colocar os recursos simbólicos dessa cultura ao serviço da razão crítica e universal.²⁷⁹ É um exercício difícil mas possível.

Um sistema de cuidados para a sociedade

Hoje justifica-se cada vez mais o desafio da reinvenção da cultura na sua aceção original como um sistema de cuidados. Inventar um novo sistema de cuidados, no momento em que os critérios de investimento estabelecidos parecem incapazes de construir um sistema de cuidados para a sociedade, num mundo complexo a construir-se, mas continuamente sob a ameaça de se desmorerar.²⁸⁰

Mutação de conceitos e valores

Curiosamente, no interior da mesma cultura, as diferentes épocas históricas comprovam como os homens assumiram diferentes opções em diferentes domínios, desde a arte à religião, desde a política à economia. A própria história testemunha momentos de recusa de padrões antigos e uma mutação de conceitos e valores. Encontramos grandes figuras e grandes obras, evocadas em estátuas, em nomes de ruas e em narrativas históricas, em cuja retaguarda encontramos o apoio e o suporte de uma massa anónima de uma sociedade, de um povo, de uma cultura, onde cada indivíduo agiu de acordo com aquilo em que acreditava. Porque aquilo em que acreditamos é determinante quer na ação individual, quer na ação coletiva.

Contexto de facticidade

O indivíduo, de acordo com a sua identidade e um sistema de valores, dispõe de uma capacidade de escolha e de uma capacidade de transcender um contexto de facticidade que

define a sua existência²⁸¹. É também claro que é no ato de comunicar que ele expressa os seus sentimentos, as suas ideias, os conceitos, e evolui como ser interativo que ensina e aprende na relação com os outros.

Na interação, no encontro e na partilha com o outro, ele constrói-se e define a sua vida quotidianamente, resultando homens e mulheres com consciências, convicções e comportamentos distintos, num ambiente em que o comportamento é mais orientado pelas regras do que pelos genes – sejam elas consensuais, explícitas ou implícitas. Porém, estas regras necessárias à coexistência estão em constante mudança, e a sua definição constituiu um instrumento de poder estabelecido pelas instituições. As grandes religiões, na História, são as instituições mais antigas e talvez as mais sábias nesse domínio, secundadas, evidentemente, pelas instituições político-administrativas, profissionais e familiares, entre outras.²⁸²

A preparação para se viver no presente requer sempre ao indivíduo, desde a infância, uma aprendizagem de como aceitar-se e respeitar-se para poder aceitar e respeitar o outro quando em convivência, moldado pelo seu fazer, pela sua própria capacitação²⁸³. Exige lucidez na vivência das experiências, articulação de problemáticas, reavaliação de problemas. Neste aspeto, a conduta acontece e explica-se num plano operativo do homem, em dimensões como o conhecimento, a vontade e os sentimentos. Deste modo, derivadas da dependência da História, do Ocidente moderno e das novas tecnologias, verificam-se mudanças significativas na ordem e na importância destas dimensões.

A primeira foi a nível do pensamento – dado que se começou a pensar menos, devido à vontade tentar substituir o pensamento. Seguidamente a vontade foi contrariada (por exemplo, a tecnologia inibe a vontade) e confrontada com a dimensão sentimental. A afetividade confrontada com a tecnicização envolvente, levou o homem a refugiar-se nos afetos, numa busca de prazer e de fuga à dor. Mas a impossibilidade de se encarar

Regras consensuais implícitas ou explícitas

Um carácter problematizador e o plano operativo do homem

Desvalorização do futuro

o futuro à base de uma aproximação afetiva à realidade, introduziu desorganização num mundo invadido pela organização instrumental. No meio deste círculo operativo, a resignação atual das pessoas acaba por refletir um tempo de um pensamento jubilado, de uma vontade egoísta ou pragmática onde as pessoas desistiram de assumir o comando do seu próprio destino. Retrata também uma afetividade que não oferece nenhum tipo de programa organizado, consumindo-se e esgotando-se. Esta estagnação da energia histórica deriva de uma complexidade que a acumulação de meios não tem resolvido. Confirma um erro de pensamento e uma desvalorização do futuro que requerem uma reformulação da vontade.²⁸⁴

Reforma do pensamento

Desta forma, a transmissão intergeracional de solidariedades e capacidades e uma educação pública universal de qualidade potenciará certamente um mundo melhor. Mas se não se pode reformar os espíritos sem anteriormente se ter reformado as instituições, e se não se pode reformar as instituições sem anteriormente se ter reformado os espíritos, quem educará os educadores/formadores? A ausência de uma resposta lógica a esta pergunta não implica que a reforma do pensamento não se possa realizar. A resolução do problema requer que reaprendamos a pensar quase sem mestres²⁸⁵, no pressuposto de que a mentalidade não é eterna – ela varia ao longo da história²⁸⁶.

Somos protagonistas, filhos e pais da nossa cultura

Consequentemente não nos podemos demitir do nosso protagonismo na História. Todos somos protagonistas e contribuímos para a transformação da sociedade através de uma multiplicidade de pequenas tarefas onde nos projetamos²⁸⁷. Culturalmente situados somos, em simultâneo, filhos e pais da cultura a que pertencemos²⁸⁸. De facto, toda a nossa experiência atual se produz através dessa matriz²⁸⁹ invisível de ligações, desse modelo operativo.

Ideia transformada em obra

Em múltiplas situações, no imediato e neste mundo tecnicizado, usa-se mais o conceito de projeto do que o conceito de criação. Talvez porque a todas as possibilidades operatórias e expressi-

vas presida uma razão prática, interventiva e vigilante, passível de ser concretizada na elaboração de um plano, materializado através do projeto, ou seja, da criação de uma obra através de uma combinação de recursos reunidos numa organização temporal para atingir um determinado propósito – transformar uma ideia numa obra. Ao projeto associa-se, geralmente, um processo de resolução de um problema que tem na sua origem uma necessidade, uma aspiração ou uma expectativa.

Como o plano precede a ação, tanto planear como agir são inseparáveis da natureza do ser humano. A revolução do Neolítico testemunha isso, no momento em que os nossos remotos antepassados optaram por abandonar a vida errante das tribos de caçadores-predadores. A relação do Homem com a Natureza, do Homem com o território aconteceu e acontece através de processos de planeamento. A ação, através de uma consciência organizada alcança a sua dimensão útil através de transformações projetadas tendo em vista um desenvolvimento policêntrico, entendido como o acesso às condições e cenários de um bem-estar comum, ou ao chamado desenvolvimento.

**Plano:
transformações
projetadas**

Planear é um ato prospetivo, no sentido de projetar aspirações do presente de um modo que se quer democrático, integrado e funcional, considerando sempre as tendências de evolução e as consequências de fenómenos e intervenções. Neste contexto, valorizam-se princípios como a equidade, a sustentabilidade e a eficiência, a coesão e a funcionalidade, a participação e a responsabilização, a concertação e a coordenação, promovendo formas múltiplas de convergência a diferentes níveis de intervenção pública e privada.

**Planeamento
democrático,
integrado e
funcional**

O planeamento traduz as ideias de estratégia, fases, ciclos e níveis. Requer uma reflexão sobre metas, domínios e campos estratégicos e várias soluções de intervenção. Obriga à seleção de soluções que se adaptem a cada caso, à sua discussão, cenarizando evoluções e impactos e, à opção por aquela que otimiza a relação custo/benefício. Nesta organização, a base estratégica é sempre o enquadramento da conceção de desenvolvimento.

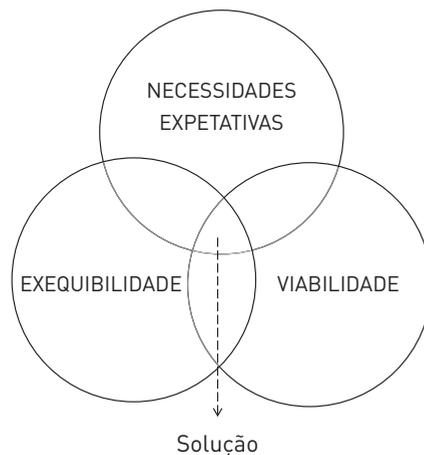


Fig. 9 – Criação de novas soluções – produtos, serviços, ambientes, organizações e modos de interação. *Adaptado de HCD, 2011.*

O planeamento dito estratégico é, para além de pragmático, intencional e focalizado, sistémico e integrado, prospetivo e pró-ativo e contingencial, sociocrático. É um processo contínuo e flexível, que integra o projeto, a sua implementação e a respetiva monitorização, através de técnicas e recursos diversos, num quadro organizado de conhecimento, contextos e decisões. A abordagem comunicativa é complementar à estratégia e inscreve-se na ótica da interação social, aprofundando o diálogo e a comunicação interpessoal e intercultural.²⁹⁰

Do plano ao projeto

Do plano ao projeto existem fases distintas, decisivas para a sua qualidade. A primeira fase é de preparação ou arranque e inclui a definição de objeto, bem como uma reflexão metodológica; a segunda fase é de diagnóstico da situação e destina-se à recolha/tratamento/análise de informação, assim como à sua caracterização e avaliação; a terceira fase é de traçado da estratégia ou estratégias; a quarta fase é a da configuração da intervenção, ou seja, é a fase de projeto. Esta fase envolve programa, subprogramas, medidas e desenhos de ações. Só depois de concluída é que se desenvolve a ação ou execução do projeto. Esta última etapa exige acompanha-

mento e monitorização para possibilitar o processo de avaliação de resultados que pode identificar necessidades de reajustamentos.



Fig. 10– Abordagem operativa do processo de projeto. *Adaptado de Simões, 2002.*

Na prática, quando o processo de implementação de um projeto indica que as concretizações estão a desviar-se ou distanciar-se das previsões, ou que a realidade factual exige intervenção, refaz-se a espiral do ciclo.

No exercício de projetar, independentemente das características ou funções, existem sempre dicotomias conceptuais. É uma dinâmica multidisciplinar e qualitativa, num contexto de equipa, de aprendizagem organizacional e de esferas decisórias múltiplas.

Os modos de planear e projetar têm sido transformados pelo paradigma globalista, na sua procura contínua e sistemática de novos tipos de organização produtiva, de ganhos de produtividade, de flexibilização e de polivalência. E também

**Desvio
das previsões**

**Dicotomias
conceptuais**

**Geografia
espacial de
fluxos e de
proximidade**

pelas novas tecnologias e formas de comunicação que afetam manifestamente o pensamento e a apreensão da realidade. O recrudescimento do liberalismo económico e das forças do mercado, a crise do Estado-Providência, a consciencialização de novos valores sociais, tais como a aprofundamento da cidadania, a valorização do património cultural e natural e a progressiva responsabilização do local face ao global originaram e continuam a produzir reflexões críticas que geram novas formas e exigências no ato de planear e projetar numa geografia espacial de fluxos e de proximidade.

Embora o futuro seja uma página em branco, não significa que estejamos sempre a tempo de retificar as más consequências das nossas opções. Os acontecimentos, as pessoas e os padrões encontram-se interassociados no mundo dos fenómenos e seja o que for que façamos com eles, a escolha é sempre motivada por um interesse e um propósito²⁹¹, por uma decisão ou omissão, enquadradas de acordo com as noções de espaço e tempo, de causa e consequência, de realidade e de ficção, de acontecimento e de contexto.

Conhecer a nossa História pode preparar a nossa consciência a encarar e superar a adversidade, porque a narrativa histórica tem uma função de transmissão que reaviva a memória dos sofrimentos mas também reaviva o conhecimento das soluções inventadas pelo homem²⁹². Fernando Gil no seu texto “Os Inventores do Futuro”²⁹³ destaca o papel da transmissão e da criação, na formação de uma identidade universal fundada no que se pode chamar a aventura humana.

Inventar e projetar frente ao inédito

No século XVI, a obra de Thomas More, conhecida por “A Utopia”, formulou um ideal de vida, mais do que um ideal urbano, convertendo-se nesse aspeto numa referência do pensamento otimista²⁹⁴. Também hoje, a ideia de utopia readquire uma juventude improvável pois há como que uma obrigação de inventar frente ao inédito²⁹⁵. O destino do homem é a incerteza e portanto também a esperança, e

é isso que o nosso presente nos obriga a compreender²⁹⁶, a responsabilidade como projeto: a importância da lucidez no ato de projetar o presente e o futuro e a importância da aplicação de ideias e técnicas de outras disciplinas a uma nova solução.

SINOPSE DE EXPRESSÕES-CHAVE

OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS: ficções; relatividade da cultura e cotidiano; *The Gods Must Be Crazy*; universo de referências.

SIGNIFICADOS DE CULTURA: evolução do termo cultura; crescimento e atitude de zelo; metáfora educativa; abandono das teorias de civilização; teorias da cultura; intencionalidade humana e práticas de cultura; dominação; experiência; sistema adaptativo; aceção étnica; outras diferenças culturais; cultura.

O UNIVERSO SIMBÓLICO: símbolo e signo; ordem simbólica; universo simbólico; atividade simbólica: falar, pensar e conhecer; a realidade; análise cultural.

A ESFERA GLOBAL DA CULTURA: transformações incontornáveis; cibercultura; paradigma globalista; globalização; diferença e fusão cultural; interdependência à escala internacional.

CAMPO CULTURAL: campo cultural; bens culturais; mercado das artes e da cultura; uma cartografia mundializada da cultura; função provocadora, crítica e denunciadora; políticas culturais; cultura nos diferentes domínios da sociedade; cultura, ponte entre saber, técnica e ação; qualificação das políticas públicas; mercado; incorporação de formas culturais.

O PROJETO: socialização efetiva do conhecimento; resignação e cultura da indiferença; reinvenção e re-evolução: uma expressão coletiva; questionamento e distanciamento crítico; a pessoa civilizada; um sistema de cuidados para a sociedade; mutação de conceitos e valores; regras consensuais implícitas ou explícitas; contexto de facticidade; um caráter problematizador; plano operativo do homem; desvalorização do futuro; reforma do pensamento; somos protagonista, filhos e pais da nossa cultura; ideia transformada em obra; plano, transformações projetadas; planejamento democrático, integrado e funcional; base estratégica: concepção de desenvolvimento; do plano ao projeto; desvio das previsões; dicotomias conceituais; geografia espacial de fluxos e de proximidade; inventar e projetar frente ao inédito.

TÍTULO

O Projeto

desenvolvimento | comunicação | cultura

AUTORA

Lúcia Saldanha

DESIGN E PAGINAÇÃO

Vitor Duarte

CRÉDITOS FOTOGRÁFICOS

Capa: MNAC, “Paris”, Gérard Castelo Lopes, ©DGPC/ADF

Págs. 8-9: MNAC, sem título, Jorge Silva Araújo, ©DGPC/ADF

Pág. 17: ADF/DDCI/DGPC, “Lisboa, Alfama. Rapaz bebendo numa bica”,
João Martins, ©DGPC/ADF

Pág. 51: MNAC, “Entrepasto”, Adelino Lyon de Castro, © DGPC/ADF

Pág. 77: Expo’98, Abílio Leitão, © Parque Expo 98, SA

Pág. 105: MNAC, sem título, Jorge Silva Araújo, ©DGPC/ADF

Pág. 131: MNAC, “Todos os Sinais”, Ilda David, Luísa Oliveira, © DGPC/ADF

Págs. 166-167: MNAC, sem título, Jorge Silva Araújo, ©DGPC/ADF

ISBN

978-989-658-338-5

DEPÓSITO LEGAL

401738/15

DATA DE EDIÇÃO

Dezembro 2015

EDIÇÃO



CALEIDOSCÓPIO – EDIÇÃO E ARTES GRÁFICAS, SA

Rua de Estrasburgo, 26 - r/c dto.

2605-756 Casal de Cambra. PORTUGAL

Telef.: (+351) 21 981 79 60

Fax: (+351) 21 981 79 55

E-mail: caleidoscopio@caleidoscopio.pt

www.caleidoscopio.pt